REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Ano 94º
Volume LXXI
2015

SCRIBENDI NULLUS FINIS

1909 - 2015

Olivas Patton: memórias de um sobrevivente da Guerra Civil Espanhola em Varginha – MG

*José Roberto Sales**

Narro em primeira pessoa, com as minhas palavras, as trágicas memórias que João Pedro Oliva Patton, brasileiro nato, filho de imigrantes espanhóis, que residiu na Espanha durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), me relatou em duas entrevistas realizadas em sua residência em Varginha – MG, nos dias 4 e 10 de março de 2010, perfazendo um total de duas horas e quarenta e cinco minutos. Dei aos relatos desses dois dias os subtítulos: "Rua do Desengano, n.º 24", "Minha mãe carregava uma mortalha" e "Estrangeiro na terra natal". Esses subtítulos foram extraídos dos conteúdos fornecidos pelo entrevistado.

O objetivo do presente relato é apresentar sua memória individual da Guerra Civil Espanhola. Propositalmente, evitei apresentar uma introdução com pequeno histórico sobre esse conflito armado. Creio que isso quebraria o "ritmo" e a dinâmica do texto, além de lhe conferir uma desnecessária feição acadêmica que não contribuiria para enriquecê-lo e seria, portanto, alheia ao nosso intento. Ademais, nossa modesta introdução histórica, obviamente, nada acrescentaria a um assunto exaustivamente descrito e analisado por renomados historiadores e sociólogos. O leitor interessado pode consultar a extensa e detalhada bibliografia existente.

---

* Escritor, psicólogo, presidente da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências.

Aqui, o foco é nos fragmentos de uma memória individual difusa que nos permitem reconstruir como alguns episódios da Guerra Civil Espanhola foram vivenciados por um menino brasileiro dos nove aos doze anos de idade. Os psicanalistas e psicólogos sabem, há muito, que a memória não é uma "filmagem" exata do fato ocorrido. A memória é uma espécie de reconstrução impressionista das vivências. Sete décadas depois, a idade, agora avançada, não apagou as vívidas imagens que as cenas da guerra deixaram impregnadas de forma permanente em sua subjetividade. Assassinatos; fuzilamentos; sangue e ossos humanos; viagens; ideologias em conflito; insegurança institucional e pública; situação política; polícia; prisões; fome e racionamento de alimentos; condições sanitárias e de higiene; carestia; igrejas e religiosidade católica com imagens esculpidas de santos; edificações históricas; afetividade materna; relacionamentos familiares; brincadeiras infantis; imaginação, sonho, pesadelo e fatos históricos se misturam na construção de uma narrativa impactante e emocional. Não poderia ser diferente: são memórias de uma guerra.

As entrevistas não foram gravadas em meio audiovisual, mas digitadas em tempo real no computador pelo entrevistador. O texto, tal como é apresentado, foi lido e analisado pelo entrevistado, que o aprovou para publicação.

A sequência narrativa respeita, tanto quanto possível, a fala, o fluxo verbal, as repetições e a (des)ordenação espontânea das lembranças do entrevistado. O "professor Patton", como é conhecido em Varginha, foi meu professor de matemática no início da década de 70, profissão na qual se aposentou. No período em que foi entrevistado, ele estava com 82 anos, saudável, fluente, gentil e lúcido. As informações fornecidas são de inteira responsabilidade do entrevistado.

RUA DO DESENGANO, Nº 24

Meu nome é João Pedro Oliva Patton. O sobrenome "Oliva" deveria ser "Olivas" como o do meu pai e de seus ascendentes, mas no cartório de registro civil foi registrado "Oliva". Atualmente, resido em Varginha, Minas Gerais, cidade na qual fixei residência no ano de 1972, depois de ter morado na vizinha cidade de Três Corações.

Quando a Guerra Civil Espanhola irrompeu, eu tinha nove anos de idade e me encontrava na Espanha. Meus pais eram imigrantes espanhóis. Nasci em Birigüi, estado de São Paulo, em 24 de junho de 1927. Pouco antes da guerra, meus pais decidiram vender as propriedades que possuíam no Brasil: plantações de café, uma casa velha e uma casa nova que haviam construído. Uma estrada separava as duas casas; havia um riacho ao fundo da casa velha onde morávamos antes de nos mudarmos para a casa nova.

Meu pai Pedro José Olivas Fernández tinha renome, era um homem benquisto. Os cavalarianos comemoravam o Dia de São Pedro visitando-o e fazendo uma festa na fazenda. Apesar da vida agradável no Brasil, meu pai sentia muitas saudades da Espanha, pois amava Chiclana de Segura[1], em Jaén, sua terra natal, município a leste de El Condado, vizinho de Segura de La Sierra e da província de Ciudad Real, a qual ficava num promontório, em uma montanha elevada da qual se podia avistar a cidade de Sorihuela del Guadalimar[2] e El Campillo, um arraial distante cerca de seis quilômetros de Sorihuela. Minha mãe Genara relutava em voltar, por ela nós jamais teríamos saído do Brasil.

Quando eu e minha família chegamos à Espanha em um navio de bandeira alemã, aportamos em Vigo, província de La Coruña, cujo porto estava danificado. Ancoramos um pouco afastados do porto e fomos levados em barcaças, passageiros e pertences, para o porto. De lá, fomos para Madri e, em seguida, para Andaluzia. Não me lembro como fomos de Madri para Sorihuela, apenas de Vigo para Madri. Fazia muito frio e o trem corria muito. Moramos em Sorihuela até 1939. Quando a guerra acabou, nos mudamos para Valencia del Cid.

A Guerra Civil Espanhola começou no dia 18 de julho de 1936 e naquela mesma noite soube que os homens seletos, figurões, potentados da cidade, foram levados para a Igreja Paroquial de Santa Águeda[3] na cidade de Sorihuela del Guadalimar, província de Jaén, Andaluzia, onde eu morava com meus pais e irmãos. Dentro da igreja, todas essas pessoas foram massacradas pelos esbirros comunistas, exaltados, assassinos. Eu não vi o massacre, mas ouvi os relatos daqueles que perambulavam pelas ruas, os relatos que corriam de boca em boca. Eu vi a vala, as marcas sanguinolentas, os coágulos de sangue no chão e nas paredes da igreja onde as pessoas foram fuziladas. A cripta da igreja foi arrombada e os esqueletos arrancados das sepulturas e jogados ao chão.

Pelo que me lembra, Sorihuela del Guadalimar foi poupada dos bombardeios, mas não dos crimes. A sensação constante de intranquilidade era muito grande, o que nos impedia de ter uma vida normal.

Havia em Sorihuela del Guadalimar três irmãs. Uma delas era a prefeita da cidade, ou "alcaldesa" [feminino de *alcaide* ou *alcalde*: prefeito] como se diz na Espanha. Ela andava com um bordão, uma espécie de bengala, símbolo da autoridade do prefeito na Espanha naquela época. As três irmãs foram levadas para a beira da ponte sobre o Rio Guadalimar e lançadas com toda a violência sobre sua parede. A dentadura de uma delas ficou na parede. Os cadáveres rolaram pelas águas até serem encontrados e sepultados por camponeses piedosos.

Na noite do irrompimento da guerra, lembro-me que tive dor no molar direito e, chorando, clamei pela minha mãe. Ela me disse: "*Hijo mio, sienta-te en el dentel de la puerta hasta que pase el dolor*". Era verão e fazia muito calor. Podia-se ficar na rua que não acontecia nada de ruim, pela tranquilidade que havia naquela época.

Durante o período de guerra, passamos terrível fome, carestia de alimentos e de roupas. Em janeiro de 1938, minha mãe cozinhou e fritou a carne de um gato muito gordo, que todos comemos. Naquele tempo o futuro nos parecia incerto e negro, e o presente misturava dor, angústia e medo.

Meu irmão Teodoro, que havia nascido no Brasil, foi convocado para o treinamento como soldado para ir ao campo de batalha. Ele invocou a

nacionalidade brasileira e se negou a participar da guerra, por isso, foi punido sendo enviado para um batalhão disciplinar cujos membros deviam quebrar pedras com marretas durante todo o dia.

Meu outro irmão, Carmelo, nascido na Espanha, também foi convocado para ir à guerra. Por ser espanhol, ele não se negou a participar de batalhas sendo que em Castellón de la Plana, cidade na costa mediterrânea, feriu-se durante um combate corpo a corpo. Nesse combate foram derrotados os vermelhos – "Los Rojos"[4] – e meu irmão foi feito prisioneiro. Os prisioneiros foram formados em filas e o "chefão", o brigadeiro, general, entrevistava cada soldado perguntando o nome de cada um. Quando chegou ao meu irmão Carmelo, ele lhe perguntou: "Qual é o seu nome?". "Carmelo" – ele respondeu. O general lhe disse: "Opa! tantos anos como militar e nunca achei um soldado com o meu nome. O meu nome também é Carmelo". Esse encontro afável e a coincidência dos nomes valeram ao meu irmão um convite do general para ser o seu ajudante.

Com isso, meu irmão participou de várias batalhas. Ele esteve nos Pireneus como soldado. O fato de estar como soldado nos Pireneus era para evitar que "Los Rojos", ou seja, os soldados comunistas fugissem para a França e também para evitar que a Tchecoslováquia enviasse munições para os vermelhos da Espanha. Nos Pireneus, dava-se o fato de que quando os soldados começavam a rir muito, a rir estupidamente, era sinal de que estavam começando a ficar enregelados. Para evitar que os enregelados morressem, os demais soldados davam-lhes uma surra. Na terrível batalha do Rio Ebro, próximo ao Golfo de Biscaia, morreram tantos soldados que as águas desceram sanguinolentas. Meu irmão Carmelo foi ferido nessa batalha. Uma bala fez um zigue-zague e parou na íngua de sua perna esquerda. Ele foi salvo por um soldado espanhol-marroquino e levado para a retaguarda da batalha e, posteriormente, hospitalizado. Carmelo ficou muito tempo andando de muletas. Com o tempo recebeu a graduação de sargento ex-combatente.

Meu irmão Teodoro, que estivera no campo de concentração, posteriormente, recebeu do novo governo o título de "Cavaleiro Ex-Cativo" por ter se negado a participar da guerra. O título lhe conferia

certos privilégios como, por exemplo, ter direito a uma casa em construção.

Outro lance da guerra, enquanto morávamos em Sorihuela del Guadalimar, é que meu pai foi acusado pelo delegado comunista de ser um beato. Durante a guerra, na Espanha, ninguém poderia dizer que acreditava em Deus, pois seria assassinado. Era o marxismo ateu. Meu pai foi obrigado a mostrar as mãos para o delegado comunista porque achava que ele ficava o dia todo com as mãos em prece na igreja e teria, portanto, fina, a pele das mãos. Meu pai respondeu para o delegado mostrando-lhe as mãos: "Minhas mãos são as de um trabalhador". "É assim que você responde ao delegado? Tu ficarás vinte e quatro horas detento". E meu pai ficou no cárcere durante vinte e quatro horas.

Na cidadezinha de Sorihuela del Guadalimar, naquela época da guerra, e muitos anos depois de acabada a guerra, não havia saneamento básico. A água que bebíamos era procurada em "los caños"[5], torneiras instaladas na via pública por onde escorria muita água. Nós íamos até "los caños" com cântaros e vasilhas para levar a água para casa. As casas não tinham privadas [vasos sanitários] nem lavatórios. Defecava-se no quintal. Minha casa ficava na "Calle del Desengaño", número 24; o quintal era muito grande.

O marido de minha tia Eugênia chamava-se Santiago Campallo. Os filhos dela, meus primos, eram líderes marxistas "rojos". Meu tio Santiago ficava na sacada de sua casa com "anteojos" [binóculo] vigiando aqueles trabalhadores que batiam o trigo para soltar os grãos que depois eram recolhidos em sacos. Não havia automóveis naquela época, as ruas eram tranqüilas. Quando a guerra acabou, meu tio Santiago e meus primos foram mortos pelo governo nacionalista. Depois da tomada do poder, uma das maneiras pelas quais o governo franquista [do general Francisco Franco[6]] eliminava os vermelhos [comunistas] era através de surras. Os guardas civis portavam cassetetes que se dobravam facilmente. Os vermelhos foram mortos em surras nas quais os soldados utilizavam esses cassetetes.

Meu tio Ceferino Patton González, irmão de minha mãe Genara, era mestre-escola, pessoa muito esclarecida; andava com duas muletas, pois,

quando menino havia caído de uma égua o que lhe ocasionou uma lesão nas pernas que o impedia de andar. Ele ajudou muito as pessoas que eram alvos das violências dos "rojos". Porém, quando acabou a guerra, o governo nacionalista o mandou preso para a cidade de Ubeda, próxima ao Rio Guadalimar, e lá, ele foi posto contra um paredão e fuzilado.

Quando a guerra acabou, minha família se mudou para Valencia del Cid. Lá, me inscrevi no Colégio Militar, uma espécie de preparatório para o ingresso na Academia Militar da Marinha Espanhola.

MINHA MÃE CARREGAVA UMA MORTALHA

Em 1936, na Igreja Paroquial de Sorihuela del Guadalimar, da qual Santa Águeda era a padroeira da cidade, "Los Rojos", os marxistas, pouparam da destruição a imagem esculpida de Santa Águeda que foi levada para a Casa do Povo, uma espécie de salão no qual os marxistas realizavam suas reuniões. A imagem permaneceu nesse local até o final da guerra sem ser destruída.

Sempre que possível, eu e outras crianças saíamos da proteção de nossas casas para brincar nas ruas. Tiroteios freqüentes assolavam toda a cidade. Percorríamos as ruas até as proximidades da igreja matriz, na região central. Pelo caminho, deparávamos com cenas horripilantes de pedaços de crânios humanos encravados nas paredes das casas e da ponte que interligava o bairro ao centro.

A Casa do Povo ficava ao lado do castelo que existia desde o tempo da Reconquista, "El Castillo Viejo"[7], quando os árabes e cristãos lutavam pela posse do solo espanhol. Eu, menino, junto com outros meninos brincávamos para tomar posse do Castelo. Entrávamos no Castelo e defendíamo-lo lançando pedras um grupo contra outro. Isso, durante a guerra.

Eu não tinha religião. Menino bastante curioso vi "Los Rojos", sempre exaltados contra a Igreja Católica, arrastarem as demais imagens dos santos da Igreja de Santa Águeda pela cidade. Eles amarravam as imagens, davam-lhes pontapés e as arrastavam pelo chão. Um dos

"Rojos" pegou o escapulário da Virgem do Carmo, rasgou-o com os dentes e o jogou ao chão. Peguei uma parte rasgada desse escapulário e a dei para minha mãe. Ela exclamou, horrorizada: "Oh, filho meu, isso aí é o escapulário da Virgem do Carmo" – e o guardou.

A Guerra Civil Espanhola, em minha opinião, foi mais uma guerra de fundo religioso que envolveu gente exaltada. O governo democrático espanhol adotou algumas medidas para restringir o enorme poder da Igreja Católica Romana o que colaborou, em parte, para a eclosão da Guerra. Monumentos na Espanha foram erguidos em homenagem aos cerca de seiscentos mil mortos[8]. Recordo-me das paredes com cruzes e das listas de "los caídos"[9] com os nomes das pessoas assassinadas pelos marxistas. Em Sorihuela del Guadalimar, onde eu residia, havia perto de "los cãnos" uma cruz com os nomes das pessoas assassinadas. Os franquistas, vencedores da guerra, mandavam pôr as cruzes e as listas. Durante o governo franquista, quando acabou a guerra, homenageava-se a José Antonio Primo de Rivera que foi assassinado em Alicante pelos marxistas. Sua irmã Pilar Primo de Rivera foi Chefe Nacional da Juventude Franquista. Ambos eram filhos do Marquês de Estella. José Antonio Primo de Rivera era homenageado com a música *Cara al Sol*: "Rosto ao sol com a camisa nova que, ontem, tu bordaste vermelha...".

Os comunistas eram muito cruéis e assassinavam as pessoas que não lhes ajudavam, que não partilhavam com eles da mesma ideologia. Quando o generalíssimo Franco tomou o poder e instaurou uma ditadura, ordenou o assassinato dos comunistas de uma forma ainda mais brutal e cruel. As crianças presenciavam esses crimes.

Minha mãe Genara faleceu em setembro de 1974. Ela morava em Valencia del Cid e, periodicamente, ia a Sorihuela del Guadalimar porque lá vivia um sobrinho dela chamado Juanito, pessoa bastante empreendedora que cuidava muito bem das fazendas – "Los Cortijos" – que ele adquirira. Ele gostava de mostrar para minha mãe as coisas que comprava. Em uma dessas viagens, ela veio a falecer. Minha mãe carregava a própria mortalha em uma mala. Ela me dizia: "Não quero dar a ninguém o trabalho de fazer a minha mortalha". Um dia, após o jantar,

ela sentiu dor de cabeça, foi levada para o quarto e faleceu enquanto dormia. Isso foi bem depois da guerra. Ela foi sepultada no mesmo panteão dos senhores para os quais trabalhou de empregada doméstica quando solteira: o panteão dos Montoro.

Depois da guerra era comum, na Espanha, os cidadãos cantarem o hino espanhol com a mão estendida para frente. O gesto era semelhante ao feito por Hitler durante seus comícios políticos para as multidões.

ESTRANGEIRO NA TERRA NATAL

Em 1952, aos 25 anos de idade, graduado professor de Filosofia Pura, após uma temporada em um seminário na Itália, próximo à cidade de Turim, soube de uma oportunidade de trabalho no Brasil. Em 9 de maio do mesmo ano, no porto mediterrâneo de Valência, embarquei para o Brasil. Saímos do Mar Mediterrâneo atravessando o estreito de Gibraltar, também famoso por suas histórias de guerra. A travessia durou quinze dias, com intempéries e poucas escalas durante o percurso da Europa ao Brasil.

Então, um novo dilema se me impôs: brasileiro, após dezesseis anos voltava para minha terra natal, mas perdera o domínio do idioma materno. Regressava para a terra de origem como se fora estrangeiro. Antevi as dificuldades que teria de enfrentar. Desembarquei no Porto de Santos, aonde cheguei em 24 de maio de 1952. Fizeram-me jurar à bandeira brasileira, dizendo em alto e bom som palavras de que não compreendia bem o significado. Fi-lo consciente de que estava a iniciar uma nova vida.

No Brasil, trabalhei como professor, casei-me com uma mineira, tive três filhos (dois rapazes e uma moça) e me aposentei. Aqui é a minha terra. As trágicas lembranças dos episódios da Guerra Civil Espanhola me acompanharam todos esses anos e jamais se apagarão da minha memória.

NOTAS

1 Há, na Espanha, outro lugar com o nome de Chiclana. Trata-se de Chiclana de la Frontera, município da província de Cádiz

2 Sorihuela del Guadalimar [pronuncia-se "*Sorirruela*"] é um pequeno município do extremo sudeste da comarca de El Condado, que conta com um enclave territorial a noroeste da comarca de La Loma e Las Villas. A principal atividade econômica é a agricultura. Na época da Guerra Civil Espanhola, a população do município era inferior a 1.000 habitantes.

3 Santa Águeda de Catania, virgem e mártir, é a padroeira de Sorihuela del Guadalimar.

4 Esse período da história espanhola é também denominado de "período rojo", ou seja, "período vermelho" ou comunista. Vermelho é a cor dos comunistas.

5 Há, em Sorihuela del Guadalimar, uma praça denominada "Plaza de los Caños".

6 General Francisco Paulino Hermenegildo Teódulo Franco y Barramonde (1892-1975), mais conhecido com o nome abreviado de Francisco Franco.

7 Provável referência ao Torreón Árabe, construído no ano de 886 pelo general Hashim ben Abd al-Aziz.

8 Segundo algumas fontes, cerca de um milhão de pessoas pereceu na Guerra Civil Espanhola.

9 Há, em Sorihuela del Guadalimar, a "Cruz de los Caídos".